

**REDES SOCIAIS, INTERATIVIDADE  
E FORMAÇÃO DO LEITOR:  
MONTEIRO LOBATO HOJE**

*Maria Angélica Rocha Fernandes* (UNEB)  
[mariaangelica19@ig.com.br](mailto:mariaangelica19@ig.com.br)

Percebe-se, ainda hoje, entre adolescentes que frequentam as escolas públicas e privadas do sudoeste baiano, a rarefação de práticas leitoras aplicadas ao impresso literário. Embora a literatura em língua portuguesa frequente as páginas dos livros didáticos e seja objeto de recomendação de estudo paralelo, dificilmente ocorre o envolvimento prazeroso do jovem estudante com as obras indicadas.

As cobranças avaliativas escolares não funcionam no sentido de levar o aluno a ler a obra. O que acontece, em geral, é que o estudante, ao ser “obrigado” a ler, por exemplo, um romance de Machado de Assis, recorre a páginas da *internet* para obter imagens, informações, diferentes ângulos de conhecimento, resumos, num processo de substituição da obra machadiana. Não é que o jovem não leia: ele lê e-mail, torpedos, imagens, filmes, *sites* interativos, *blogs* etc. Ele não lê por iniciativa própria a literatura em livro. Mas lê, numa perspectiva amplificada da noção de leitura, adaptações quadrinísticas e televisivas, páginas virtuais, além de apropriações cinematográficas.

O problema se desenha porque o estudante não percebe que está interagindo com linguagens diferentes, que podem ser complementares, mas que não se substituem mutuamente. A linguagem literária tem recursos próprios, que diferem da linguagem do *Orkut*, do *Facebook*, *Twitter*, dos *blogs*, das HQ, da TV, do cinema. Na verdade, a escola – através dos professores, que também não têm formação para o trabalho com as novas mídias/tecnologias e as redes sociais, nem proximidade com suas linguagens – não aprendeu a usar produtivamente as habilidades interativas dos

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

alunos em prol dos conteúdos e da formação do gosto pela leitura do impresso.

A situação-problema que gera este trabalho é disparada pela dificuldade que a escola (os professores) tem de agir junto ao alunado, de maneira a “seduzi-lo” para a leitura literária, desconsiderando, em suas práticas educacionais docentes e administrativas, o trânsito fluente que o jovem tem com a *internet* e seus produtos, bem como com a TV, usados por ele como bases de difusão de saberes e de comunicação sem limites.

Tome-se como exemplo a obra infantojuvenil de Monteiro Lobato. Há cerca de cinquenta anos, já com a existência da TV, os adolescentes e as crianças liam as narrativas lobatianas impressas e ilustradas, tanto por indicação escolar, como por escolha familiar. Na década de 1970, a Rede Globo lançou uma adaptação televisiva da obra do escritor de Taubaté, usando parte do nome de um de seus livros para denominar todo o conjunto: *O Sítio do Picapau Amarelo*. Teve imensa repercussão e funcionou como instrumento de popularização do texto literário. A grande vantagem da série foi provocar o interesse pela obra.

Infelizmente, no entanto, a escola (e os professores) não soube usar essa apropriação midiática da obra literária para aproximar a criança e o jovem do texto-fonte. Em minha atuação docente no ensino médio e no superior, venho observando que há grande resistência para o uso das novas tecnologias e mídias no ensino da literatura e na necessária e consequente formação do leitor.

A situação acima esboçada ocorre em diferentes espaços sociais e culturais. Torna-se, porém, mais visível, em cidades do interior, onde não há livrarias, nem grandes bibliotecas públicas, apenas TV e *lan house*. No caso desta proposta de trabalho, a investigação e as ações dela decorrentes nascem da vivência acima referida, ocorrida nas cidades de Caculé e Brumado, no Sudoeste baiano, e que pertencem ao árido ambiente sertanejo.

Assim, a questão maior é desenvolver estratégias para a abordagem do literário (para a formação do leitor), a partir exatamente do ambiente virtual no qual circulam os estudantes de nível médio (Modalidade Normal) de Caculé e de Letras (graduação regular), da UNEB, Campus XX, em Brumado, bem como a partir da relação entre as linguagens da literatura e da TV, pensando que, ao pôr em interação tais espaços simbólicos (contextualizados na perspectiva do público-alvo da pesquisa), a escola e a universidade poderão formar leitores críticos, plenos, cidadãos.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Para tanto, nos propomos a estudar a obra lobatiana infanto-juvenil em algumas de suas apropriações virtuais e televisivas contemporâneas.

E por quê Monteiro Lobato? Em primeiro lugar, porque esse escritor e empresário brasileiro teve como objetivo maior de sua vida profissional formar leitores, difundir a literatura e sua leitura, tendo feito parceria com os educadores que pensaram uma nova escola para o Brasil, como Anísio Teixeira, nascido no Alto Sertão Baiano (Caetité). Em segundo lugar, porque, graças às apropriações televisivas de sua obra para crianças e jovens, Lobato é um dos escritores mais conhecidos no país. E em terceiro, porque sua obra, hoje, tem espaço privilegiado nas redes sociais e em sites interativos, o que facilita sua divulgação e a ressignifica constantemente.

Em algumas investigações preliminares, foram localizadas páginas de redes sociais (*Orkut, Facebook, YouTube*) que atualizam a obra em foco, passam informações, trocam opiniões etc. Localizamos, ainda, página interativa da Rede Globo dedicada à série atual *Sítio do Picapau Amarelo*. Como se podem relacionar essas práticas leitoras concretizadas pelo espaço virtual à leitura da obra impressa? Outro aspecto que parece pertinente é enfocar a própria série televisiva em comparação com o texto literário, a fim de que se reflita sobre as competências leitoras implicadas em cada produto. Dessa forma, será possível construir alternativas para o trabalho com a literatura lobatiana, munindo os futuros mediadores de leitura na escola que configuram o público-alvo desta proposta.

Não se quer aqui apenas discutir acadêmica e cientificamente a questão da formação do leitor pela escola/universidade hoje. Entende-se que é prioritário tirar os resultados de pesquisa de dentro dos muros da Universidade e transmutá-los em práticas mensuráveis e transformadoras da sociedade, a partir de sua aplicação nas salas de aula recortadas. É preciso desenvolver estratégias para a formação do gosto pela leitura literária, que interajam com as competências dos estudantes do nível médio e superior de Letras, futuros mediadores de leitura.

Como formar o leitor literário hoje, quando o adolescente (e as crianças) se vê diante de uma série de meios mais rápidos e coletivos de comunicação, em relação ao livro impresso, meios esses que lhe permitem ramificar amplamente as informações e as sociabilidades? Como viabilizar à escola uma interação eficiente com o jovem, “seduzindo-o” para a leitura da palavra artística impressa?

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Ligia Cademartori (2009, p. 19) discute a convivência de diferentes textos, suportes, tecnologias e discursos na sociedade contemporânea, definindo parâmetros de concorrência entre o livro, as mídias, as linguagens...

[...] se o livro não concorre com outros meios, como televisão, rádio, periódico, computador, não escapa de concorrer com outros discursos, como os de natureza pragmática, política ou religiosa, disputa que vai gerar trágicas consequências. Os discursos, já se sabe, só existem em cruzamento.

A perspectiva humanista da supremacia da cultura livresca e literária, como instrumento de destaque individual na sociedade burguesa está se desmanchando. No século XIX e em boa parte do XX, dominar as letras, ser letrado, era uma situação que concedia ao indivíduo um lugar social com certos privilégios. Historicamente, o conhecimento foi arma de luta da burguesia contra o sangue nobre aristocrata.

As sociedades e as sociabilidades mudaram: no século XXI, as mídias, as redes sociais, as novas tecnologias, os suportes, as linguagens, as muitas discursividades não existem isoladamente como garantia de domínio intelectual, como base de poder em qualquer nível. Por conta da globalização dos saberes e métodos, todos esses espaços simbólicos estão vendo suas fronteiras se dissolverem.

Os leitores literários, hoje, formam um círculo por demais restrito e normalmente sucumbem ante os muitos textos com que se deparam. As reflexões de Cademartori indicam que, embora tradicionalmente se defina o leitor como o indivíduo capaz de decifrar sinais gráficos, atribuindo-lhes sentidos, essa definição não é suficiente no cenário cultural contemporâneo. Ler pode ser considerado apenas um ato de decifração de caracteres impressos numa página antes em branco? Entende-se aqui que ler é bem mais que isso. Ler é dirigir os olhos, o corpo e a alma a um texto – seja ele uma tessitura de palavras, seja uma escultura, uma pintura, um *blog*, uma postagem no *Twitter*, um prédio, uma praça, um comentário no *Facebook*, um filme, uma troca de imagens no *Orkut*, um programa de TV – e começar a acercar-se, apropriar-se dele.

Eliana Yunes e Glória Pondé (1989, p. 57) definem leitura e leitor de forma instigante:

Ler na verdade pressupõe o texto – tecido, trama, tessitura de palavra, arranjo, portanto, pelo qual se escreve o mundo. Um texto é, pois, uma representação de uma visão, do real, uma encenação histórica na linguagem: como palavra expressa ela ganha o mundo, adquire autonomia, escapa do

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

autor e se entrega ao uso, à leitura do outro. E, daí em diante, nunca mais será a mesma.

Elas mantêm a ligação tradicional entre a leitura e a palavra, postura da qual discordo, como foi indicado acima. Mas trazem uma “luz” sobre o tema: o texto, que para esta proposta não é a apenas a palavra impressa ou falada, escapa de sua origem e se dá aos olhos de uma alteridade desconhecida, imaginada, talvez, mas realmente nova, diferente – assustadora, então. Esse trânsito “muda” o texto. Claro, não o transforma em sua concretude material, mas agrega a ele valores simbólicos que, numa outra leitura, já vão apresentá-lo em sua diferença.

Em consequência, o leitor não é visto como um ser “inocente”, esse seria o “ledor”, aquele que só quer dos textos com os quais interage as informações que podem ser postas em prática no seu dia a dia. Ressalte-se que “inocente”, aqui, tem um sentido que não é o usual: aponta para certa indisponibilidade interna para a mudança diante do outro – o leitor seria o sujeito “inexperiente”, “inócuo” até.

Na ótica dessas estudiosas do leitor e da leitura, o primeiro é um indivíduo interessado e interessante, em situação de disponibilidade para transformar-se e para atuar como agente transformador. Tal colocação é pertinente e permite o avanço no sentido de se entender o leitor como aquele que gosta de jogar com os textos que o cercam, como aquele que, inquieto e curioso, busca “descobrir” as tramas e tessituras das textualidades que elege como objeto de seu olhar. Então, não há ambiente mais propício à formação do leitor, nesse sentido, que as redes sociais, em primeiro lugar, e a TV, em segundo. *Orkut, Facebook, Youtube, TV e sites* interativos são exatamente espaços simbólicos de jogos de sentido, amplamente capazes de provocar o imaginário e a adesão do internauta/espectador, brincando com suas expectativas e “seduzindo-o” pela liberdade de escolha que oferecem – e que a escola tradicional e implicitamente nega e teme.

É isso: leitor é aquele que “elege” o que quer ler. O que implica afirmar que ele tem um leque amplo de possibilidades textuais, não apenas as literárias – e que ele é livre para escolher. Suas escolhas não o classificam como leitor ou não: o que quer que ele escolha ler vai torná-lo leitor.

Marta Morais da Costa (2009, p. 86) mostra como essa liberdade, que não pode ser vigiada, mas pode ser orientada, estimula as competências de leitura. Uma vez que o leitor pode escolher o que quer ler, ele

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

começa a dominar as várias linguagens que nos cercam hoje e torna-se hábil para colocá-las em diálogo, interagindo mais intensamente com os textos que lê:

A capacidade de transpor relações entre textos de diferentes linguagens é uma das qualidades do leitor letrado. Quando a letra de uma canção se insinua entre as imagens de um filme ou nas palavras de um romance, o leitor percebe o quanto as linguagens conversam entre si.

E é possível expandir as colocações da pesquisadora, inserindo no escopo da comparação a TV e as protagonistas da comunicação no século XXI: as redes sociais. A leitura é a atividade intelectual e emocional de relacionar sujeitos, objetos, percepções, conceitos e sensações, a partir da interação livre entre os que lêem e o(s) que se dá (dão) a ler. Tanto o sujeito (leitor) como o texto são históricos e culturais, isto é, carregam características que denunciam suas origens, expectativas e preferências. A interlocução entre ambos é transformadora. E isso, embora possa ser bastante lúdico e prazeroso no âmbito literário, não ocorre apenas dessa forma.

Como prática do intelecto, plena de emoções, a leitura é social e cultural. J. Camelo Ponte (2007, p. 42) mostra essa relação entre texto-indivíduo-sociedade como fundamental:

A leitura é, portanto, uma atividade cultural do homem que, apesar das mudanças do instrumental necessário para que ela possa ser feita, estará sempre presente na vida dos indivíduos tanto para a construção e reconstrução individual do ser humano quanto para o desenvolvimento e reestruturação da sociedade.

Para Ponte, a transformação operada pela leitura, que também vai atrelada à palavra, já incluindo sutilmente a previsão de novas tecnologias e diferentes meios (*Orkut, Facebook, sites interativos, TV etc.*) que não o livro, é uma transformação particular e coletiva. Na ótica desse pesquisador, os atos de leitura exigem e suscitam polissemias que podem provocar visões de mundo transitórias e críticas. A leitura, segundo ele, depende das mudanças tecnológicas e não aceita, hoje, ser resumida a uma literariedade de estranhamento artístico (PONTE, 2007, p. 24). Não é mais apenas a diferença da palavra literária que transforma o leitor: as mídias, os suportes, os outros textos que testam os limites da arte da palavra interferem nesse processo.

As linguagens, sempre associadas a seus suportes, reinventam os textos de que se apropriam e são constantemente reinventadas pelos meios que as produzem e armazenam. Para Lúcia Santaella,

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Do livro para o jornal, da fotografia, gravador de som e cinema para o rádio, televisão e vídeo, da computação gráfica para a hipermídia são todos nítidos índices de que não pode haver descanso para o destino simbólico do ser humano... (2000, p. X).

Assim, as diferentes linguagens se organizam em tramas sógnicas específicas e mutáveis, que demandam processos de ação e significação: “Um signo significa por dirigir-se a outro signo que o interpreta...” (VALENTE e BROSSO, 1999, p. 87) Nesse processo contínuo de semiose, o texto literário, apropriado pelas redes sociais, pelos *sites* interativos, pela TV, é reinterpretado e ressignificado pelas linguagens específicas das mídias/suportes/tecnologias citadas. Os signos lidos na obra impressa ganham sonoridade, flexibilidade e visualidade e, então, transformam-se em outros signos.

Até algumas décadas atrás, os estudos envolvendo a relação entre as novas tecnologias e a literatura traziam uma visão “pessimista”, segundo a qual o texto literário perderia em qualidade ao ser transposto para a TV, por exemplo. Essa ótica ainda tem defensores, embora um pouco mais cautelosos, como o pesquisador Fábio Lucas (2001, p. 18): “A mídia, onívoda, ubíqua e irresponsável, atua sobre as consciências, levando de roldão os hábitos e submergindo o discurso artístico num turbilhão de sinais imediatistas, direcionados ao consumo e ao conformismo”.

O ponto de vista adotado nesta proposta é o da releitura das relações mídia/literatura/escola/aluno (leitor), afastado, portanto, da postura referida acima, a qual prioriza o livro e desvaloriza as novas tecnologias e seus variados suportes, desconsiderando-os como instrumentos de construção de comunidades virtuais e imaginadas de afinidades objetivas e subjetivas e como meios de difusão privilegiada de conhecimentos ressignificados. Se, no texto impresso, o narrador produz imagens que se duplicam no imaginário do leitor, na TV, no *Orkut*, no *Facebook*, nos *sites* interativos, no *Youtube* etc., os “textos” multiplicam indefinidamente tais imagens, concretizando e pluralizando a proposta carregada por cada palavra escrita. Essas tecnologias não promovem apenas inovações, elas recuperam estruturas conhecidas, concretizam-nas, pluralizam-nas e reorganizam vínculos entre os grupos e os sistemas simbólicos, mexendo com os cenários culturais e cruzando, constantemente, as identidades.

Daí a relevância desta proposta de trabalho: esses diferentes processos de releitura e de apropriação do literário, encenados nas redes sociais e na TV, assumiram um lugar de destaque no cotidiano de crianças e jovens e demandam uma renovação na metodologia de trabalho escolar.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

A escola, representada pelos professores, é a grande mediadora oficial de leitura hoje. No entanto, para realmente mediar a leitura, a escola precisa se familiarizar com o computador e a internet, em níveis mais profundos, incorporando novos hábitos às práticas docentes e administrativas, vencendo o medo da máquina, das novas tecnologias. (KLEIN, 2011, p. 35)

Em minha experiência docente, formo professores para atuarem em todos os níveis do ensino médio, ou seja, formo mediadores de leitura que vão atuar junto a crianças e adolescentes, e que precisam, em primeiro lugar, se tornar leitores, para, quando profissionais, poderem formar leitores. Como discute Cavalcânti (2010, p. 10),

A questão crucial é: como formar alunos leitores, alunos autores de seus textos se boa parte do professorado [...] não recebeu uma formação adequada para isso? Como formar leitores críticos se o professor, muitas vezes, lê os textos apenas para apreender um conteúdo supostamente materializado em sua superfície ou apenas para observar se o texto apresenta ‘erros’, infrações à norma-padrão?

Este trabalho ousa tentar responder à inquietação da pesquisadora, recorrendo aos ambientes virtual e televisivo familiares aos futuros professores de Caculé e Brumado. Assim, é fundamentalmente necessário analisar o funcionamento das redes sociais, bem como da TV (mídia extremamente popular), suas linguagens peculiares, para compreender como interagem com a literatura, em especial a lobatiana. Com isso, será viável construir alternativas para o ensino da literatura, formando leitores entre os alunos de hoje e entre os alunos de amanhã, exatamente a partir do uso estratégico dos ambientes virtuais e televisivos que constituem a base das sociabilidades nas quais eles constroem suas identidades cotidianas.

Estudar, portanto, as linguagens midiáticas a partir da obra lobatiana implica estudar o desenvolvimento de uma “escola nova”, redimensionada pelas novas tecnologias, mídias e suportes. É essa concomitância de literatura e tecnologia que se pretende enfatizar aqui, com o apoio dos estudos de Canclini, Bhabha, Linda Hutcheon, Barbero, Paul Zumthor, Lúcia Santaella, Winfried Nöth, Vera Aguiar, Teixeira Coelho e outros estudiosos da cultura, das identidades, das linguagens midiáticas, das novas tecnologias, das redes sociais.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CADEMARTORI, Ligia. *O professor e a literatura para pequenos, médios e grandes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CAVALCÂNTI, Jauranice Rodrigues. *Professor, leitura e escrita*. São Paulo: Contexto, 2010.

COSTA, Marta Morais da. *Sempre viva, a leitura*. Curitiba: Aymarã, 2009.

KLEIN, Rejane. Professor Internauta: Desafios e subjetivação. In: PIKANÇO, Deise Cristina de Lima; CASTRO, Gilberto de (Orgs.). *Educação, mídia, sociedade: alguns ensaios discursivos*. Londrina: Eduel, 2011, p. 29-46.

LUCAS, Fábio. *Literatura e comunicação na era eletrônica*. São Paulo, Cortez, 2001.

PONTE, J. Camelo. *Leitura: identidade & inserção social*. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTAELLA, Lúcia. *A teoria geral dos signos*. São Paulo: Guazzelli, 2000.

VALENTE, Nelson e BROSSO, Rubens. *Elementos de semiótica: comunicação verbal e alfabeto visual*. São Paulo: Panorama, 1999.

YUNES, Eliana; PONDÉ, Glória. *Leitura e leituras da literatura infantil*. 2. ed. São Paulo: FTD, 1989.

REDES SOCIAIS E SITES INTERATIVOS

Facebook. Disponível em: <<http://www.facebook.com/pages/Monteiro-Lobato/205011542861223>>. Acesso em: 27 out. 2011.

Sítio do Picapau Amarelo. Disponível em: <<http://sitio.globo.com>>. Acesso em: 20 out. 2011.

Monteiro na rede. Disponível em: <[http://lobato.globo.com/rede\\_link.asp](http://lobato.globo.com/rede_link.asp)>. Acesso em: 25 out. 2011.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Orkut. Disponível em:

<<http://www.orkut.com/CommMsgs?tid=5315706891406082946&comm=367610&hl=pt-BR>>. Acesso em: 28 out. 2011.

Youtube. Disponível em:

<<http://www.youtube.com/watch?v=EKGrXMSqWX0>>. Acesso em: 18 out. 2011.